

O escarrador em faiança da Mundet & C.^a, Lda.

N.º de inventário: EMS.2020.00045.00000

Categoria: Cerâmica

Denominação: Escarrador (outras designações, vulgarmente atribuídas a este tipo de objeto, são escarradeira, cuspidor ou cuspideira)

Local de execução: Sacavém, Concelho de Loures

Fabricante: Fábrica de Loiça de Sacavém

Datação: Década de 40 do séc. XX

Matéria: Faiança

Técnica: Cerâmica moldada e vidrada

Dimensões (cm): 24 de altura; 16,5 de diâmetro (o diâmetro corresponde ao fundo externo do recipiente).

Descrição: Objeto de loiça de higiene/sanitária, de cor bege claro e de formato cilíndrico, é constituído por duas partes.

O corpo cilíndrico apresenta-se ligeiramente côncavo, com os bordos inferior e superior salientes. A sua base circular é plana, apresentando depressão côncava ao centro.

A parte superior do corpo do recipiente é constituída por uma abertura central larga, sobre a qual assenta a tampa de encaixe, com interior em forma de funil.

Toda a superfície, exterior e interior do recipiente, encontra-se revestida por vidrado.

No tardo do objeto foi afixada, a cor verde, a marca circular de fabricante: *Guilman & Cta. [Comandita] / Sacavém*. Esta inscrição é circunscrita pelo desenho de um cinto com fivela, por baixo do qual pode ler-se a inscrição *Made in Portugal*, o que nos permite situar genericamente a produção deste escarrador na década de 1940 (este formato já não consta no Catálogo de Formatos de Sacavém editado em 1950, onde estão referenciadas várias peças de loiça doméstica e de higiene/sanitária). A marca apresenta-se pouco legível (esborratado).

Incorporação: Aquisição da propriedade e respetivos bens imóveis, móveis integrados e móveis da fábrica da *Mundet & C.^a, Lda.*, no Seixal, pela Câmara Municipal do Seixal em 1997, na sequência da qual tem-se vindo a desenvolver o estudo, documentação e inventário de parte dos seus bens patrimoniais pelo Ecomuseu Municipal.

Contexto histórico e de utilização do objeto no âmbito da fábrica da *Mundet & C.ª, Lda., no Seixal*

Proveniente da Catalunha e radicada nos Estados Unidos da América a partir de finais do séc. XIX, em 1905 a firma *L. Mundet & Sons, Inc.* fundou uma fábrica de produtos corticeiros na Quinta dos Franceses, junto à sede do concelho do Seixal.

A *L. Mundet & Sons, Inc.* (de que a *Mundet & C.ª, Lda.* é sucessora em Portugal a partir de 1922) evoluiu, ao longo do século XX, para uma poderosa organização industrial e comercial corticeira a nível mundial. Em Portugal, a empresa expandiu-se, para além do Seixal e de Amora (no concelho do Seixal), pelo Montijo, Mora, Ponte de Sor e Vendas Novas, acabando por envolver praticamente todos os sectores do universo corticeiro, da indústria preparadora à indústria de transformação corticeira de cortiça natural e aglomerada, e decorativos.

Ao longo do seu período de laboração a *Mundet & C.ª, Lda., no Seixal* (1905-1988), desenvolveu uma importante atividade económica e sociocultural, tendo-se distinguido a nível nacional e internacional pela sua organização, dimensão e quota de mercado.

Reconhecendo o interesse histórico e cultural em presença e a ligação da comunidade local ao sítio e à fábrica, em 1996 a Câmara Municipal do Seixal desencadeou o processo da sua aquisição – o que, na sequência da realização de hasta pública, se veio a formalizar com a celebração de escritura de compra da propriedade no ano seguinte – e tomou a iniciativa de proteger e preservar este sítio industrial, bem como o seu vasto património.

A antiga fábrica tornou-se objeto de um projeto de musealização promovido pelo Município, constituindo-se, a partir de 1998, num dos núcleos do Ecomuseu Municipal do Seixal: o Núcleo da *Mundet*.

Entre os muitos e diversificados testemunhos técnico-industriais que constituem o fundo da *Mundet* e que integram o acervo do Ecomuseu Municipal do Seixal (um amplo património industrial constituído por edifícios, máquinas, ferramentas e outros instrumentos de trabalho, e ainda pelo espólio documental remanescente do arquivo empresarial presente na fábrica), apresentamos talvez um dos objetos mais surpreendentes: um escarrador em faiança.

Para além das razões evidentes que se ligam ao fabrico deste objeto pela Fábrica de Loiça de Sacavém e com a preservação do espólio remanescente deste antigo estabelecimento fabril pelo Museu de Cerâmica de Sacavém, que ocupa parte do espaço da referida fábrica e é o principal repositório do património, material e imaterial, dessa indústria de cerâmica e das indústrias que existiram e existem no Concelho de Loures, este é um objeto que se encontra associado e que ilustra uma parte da história social e da assistência médica prestada na fábrica de cortiça da *Mundet*, no Seixal.

O uso do escarrador vulgarizou-se com as primeiras campanhas anti tuberculose (receava-se o contágio da doença por via da saliva e do espirro), sobretudo ao longo da primeira metade do século XX. Os escarradores foram então integrados entre as medidas de combate à tuberculose e

considerados recipientes higiénicos que deveriam ser instalados em locais públicos (lojas de comércio, repartições públicas, hospitais, teatros, escolas, quartéis, mercados...), numa tentativa de modificar o mau hábito das pessoas cuspirem frequentemente para o chão e em lugares abertos ao público. Procurando evitar a propagação do vírus da tuberculose, aconselhava-se a população a cuspir para a latrina, para o ralo do esgoto, para a sarjeta e em escarradores.

Num meio de poucos recursos, como era à época o concelho do Seixal, para além de outros surtos epidémicos como a febre tifoide, a cólera, a gripe, o sarampo e a varíola que afligiram esporadicamente a população local, a tuberculose (ou a tísica, como era vulgarmente designada) era uma das doenças mais temidas, dado ser a responsável por uma elevada taxa de mortalidade. Uma vez instalada na comunidade local, a tuberculose ultrapassou os muros da fábrica e propagou-se no meio operário.

Contudo, para além deste problema de saúde, os operários industriais corticeiros eram confrontados na fábrica da Mundet, com um ambiente de insalubridade, de falta de higiene e de condições apropriadas ao desenvolvimento do seu trabalho, o que propiciava o surgimento de outras doenças, algumas das quais comuns à indústria de transformação corticeira.

Nas oficinas da fábrica, largas centenas de operários, por vezes mal alimentados, eram submetidos durante muitas horas a um trabalho de movimentos repetitivos e ritmados pela cadência das máquinas, num espaço confinado e sem ventilação apropriada.



Fábrica da Mundet & Cª Lda. Amora, 1954 © EMS-CDI - Fundo Documental Mundet.

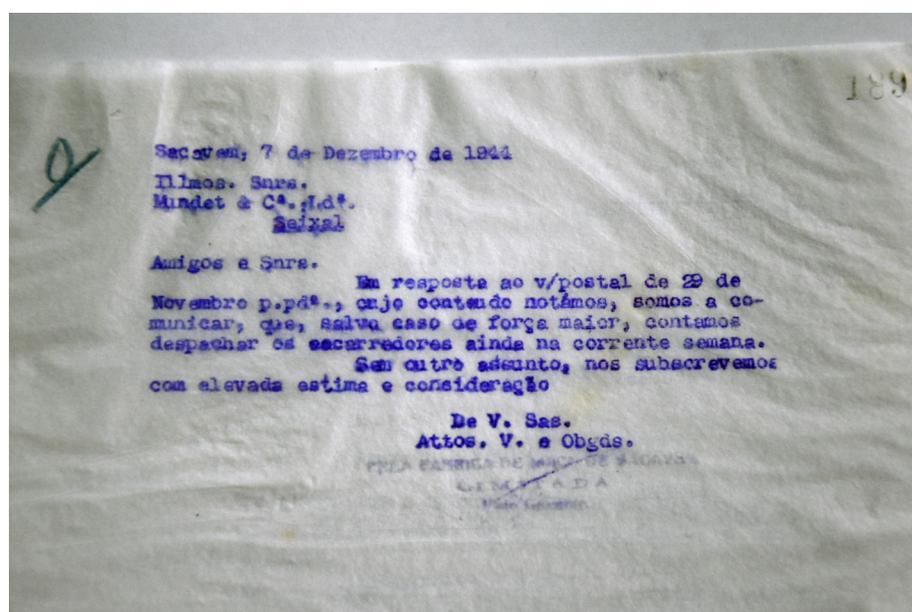
Apesar da ampliação e melhorias verificadas nos equipamentos fabris e sociais a partir da década de 1930 – alguns dos quais implementados por imposição da legislação e dos regulamentos vigentes e na sequência de visitas e outras ações da Inspeção Técnica das Indústrias / 3ª Circunscrição Industrial –, a atmosfera das oficinas não sofreu grande alteração: o ruído e as trepidações por vezes de dezenas de máquinas a laborar em simultâneo, a humidade e bolor das pranchas de cortiça; os cheiros nauseabundos e tóxicos das colas e dos produtos químicos aplicados nas lavagens, e um

Informação

denso ambiente de poeira com origem no fino pó da cortiça que se espalhava sobre as máquinas e sobre os pavimentos, paredes e outras estruturas, cuja implementação de um sistema de captação de pó, instalado a partir de finais da década de 40, não resolveu completamente.

Um dos primeiros estudos realizados em fábricas de cortiça, publicado em 1955, pelo Dr. Lopo Cancellata de Abreu - que trabalhou, desde 1949, no dispensário antituberculoso da *Caixa de Previdência do Pessoal da Mundet & C.ª, Lda.* -, tratava de uma nova doença bronco pulmonar provocada pela exposição dos trabalhadores a finas partículas de cortiça: a Suberose Experimental (atualmente considerada uma doença profissional). Esta doença manifestava-se em trabalhadores que contactavam durante meses ou anos com a cortiça, que apresentavam, como sintomas, tosse, expectoração abundante por vezes acompanhada de sangue, dispneia progressiva, emagrecimento e, nos surtos agudos, acessos febris.

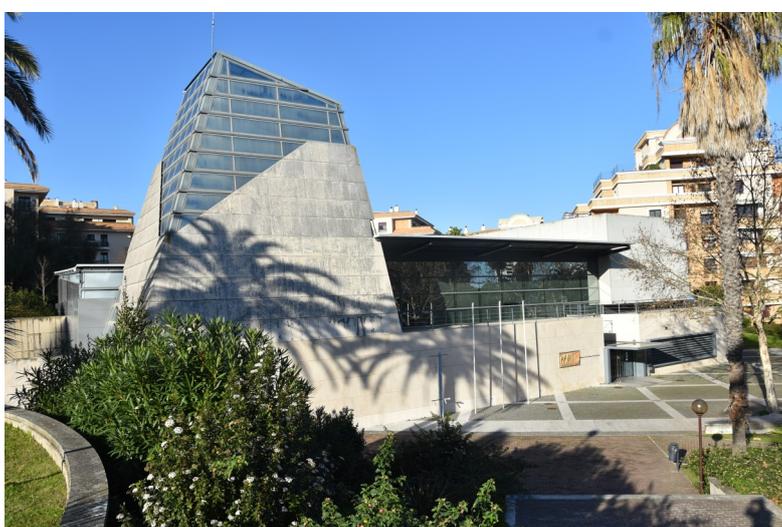
O ambiente que então se vivia nas oficinas de transformação de cortiça e os hábitos tabágicos de alguns trabalhadores, agravados pela propagação da tuberculose, levaram os serviços médicos da *Mundet & C.ª, Lda.* a propor à gerência da fábrica a colocação de escarradores coletivos à disposição dos seus operários.



Aviso de despacho de encomenda de 7 dezembro de 1944 © Centro De Documentação Manuel Joaquim Afonso/MCS.

Terá sido neste contexto e como incentivo à difusão de uma prática higiénica entre os seus trabalhadores, que a Mundet adquiriu um conjunto destes objetos de cerâmica doméstica à Fábrica de Loiça de Sacavém, como se comprova através do aviso, datado de 7 de dezembro de 1944, referente ao despacho de uma encomenda de escarradores, à qual provavelmente pertenceria este escarrador. Este tipo de documentação, avisos de despacho de encomendas, notas de encomendas e de pagamentos, entre muitos outros documentos, faz parte do Arquivo Empresarial da Fábrica de Loiça de Sacavém e pode ser consultado no Centro de Documentação do Museu de Cerâmica.

A Fábrica, em Sacavém, tem a sua origem entre 1858 e 1859, associando-se o nome de Manuel Joaquim Afonso. Ainda não foi encontrado um documento que permita estabelecer uma data precisa para a sua fundação, os dois documentos que melhor permitem esta datação por aproximação foram estudados recentemente, nomeadamente, uma escritura datada de 1858 a propósito do aumento de um empréstimo contraído em 1856 por Manuel Joaquim Afonso junto de Carlos Morato Roma, em que vários negócios e propriedades (entre as quais a Quinta do Aranha em Sacavém, onde se estabeleceu a fábrica) são dados como garantia e, na qual não foi referida a existência da fábrica. Em 1859, num acordo assinado por Manuel Joaquim Afonso com os seus credores, já consta a sua Fábrica de Louça a laborar em Sacavém. Após Manuel Joaquim Afonso, a sua administração passou para famílias inglesas - Stott Howorth, Gilman e Gilbert, diversificando a sua produção, propondo inúmeros formatos e decorações, de loiças domésticas, decorativas, de higiene e sanitárias, azulejos, mosaicos cerâmicos e tijolos refratários, tornando-se a mais importante da Península Ibérica.



Museu de Cerâmica de Sacavém © MCS.

Painel de azulejos que estava colocado na entrada principal da Fábrica de Louça de Sacavém © MCS.

Apesar da sua singeleza e desprovido de qualquer tipo de decoração, o desenho desta peça procurou responder às preocupações da época em relação às suas características, utilização e desinfeção: a abertura é suficientemente ampla para delimitar a exposição do conteúdo; o recipiente permite a fácil colocação de líquido antisséptico para impedir a disseminação de microorganismos nocivos à saúde pública; a sua base rasa dá-lhe grande estabilidade, impedindo-o de tombar e dispersar o conteúdo; o material utilizado no seu fabrico torna-o resistente, não quebrando com facilidade (apesar dos sinais de uso, esporádicas lacunas de material e fissuras no vidro, volvidos cerca de 80 anos da sua produção, a sua integridade física não foi afetada); a faiança vidrada proporciona facilidade de limpeza e desinfeção.

Informação



Escarrador em faiança da Fábrica da Mundet & C^a Lda., Seixal © EMS-CDI.
Escarrador em faiança da Fábrica de Loiça de Sacavém. MCS 1023 © MCS.

Este formato em faiança terá sido, sobretudo, utilizado pelos empregados de escritório, pelos desenhadores, técnicos e pessoal superior da Mundet, pelos agentes comerciais e pelos clientes da empresa em visita à fábrica (o escarrador foi recolhido pelos técnicos do Ecomuseu Municipal do Seixal numa área de arrumos dos antigos escritórios de produção da fábrica). Na maioria das oficinas, os operários dispunham de vulgares escarradores em chapa esmaltada para uso coletivo, deixados à sua disposição no chão.

Nas encomendas à Fábrica de Sacavém, por empresas ou instituições, eram geralmente pedidas peças em branco, como é o caso deste escarrador. Pretendiam apenas usufruir de peças simples e utilitárias e, não tendo quaisquer decorações, ficavam mais baratas. No entanto, também existem registos em que solicitavam uma personalização através da aplicação da respetiva marca ou dístico no vidro. Para o efeito, era aberta uma *chapa* em metal, onde era gravado o respetivo desenho. Este trabalho implicava o pagamento da abertura da *chapa*, que ficava à guarda da fábrica, podendo ser utilizada sempre que necessário e não se pagando mais por esse trabalho. No arquivo da Fábrica de Sacavém ainda não foram encontrados registos referentes à abertura de *chapas*.

Considerando que ainda permaneciam escarradores em algumas das oficinas quando a equipa técnica do Ecomuseu Municipal do Seixal começou a intervir e a proceder à documentação e ao inventário da antiga fábrica, presume-se que a utilização de escarradores tenha tido lugar até ao final da sua laboração, em finais dos anos 80 do século XX.

Porém, com o avanço da ciência, o hábito de cuspir e de se expelir secreções provenientes das vias respiratórias em público passou a ser considerado anti-higiénico e propagador de microorganismos e doenças. Por outro lado, o hábito de cuspir passou a ser visto como falta de civismo e um ato desrespeitoso e socialmente repreensível (penalizado em diversos países), acabando por,

com o passar do tempo, alterar os hábitos da população o que, conseqüentemente, levou os escarradores a caírem paulatinamente em desuso e a serem retirados do espaço público.

Referências bibliográficas:

Cancellia, Lopo de Carvalho e Horta, J. da Silva (1956) - *Coniose experimental pela poeira da cortiça (Suberose experimental)*. [S.l.]: [s.n.], (Lisboa : na Imprensa de J.M.R. e Castro, 1956) , Separata do **Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa**. Tomo CXX, N.º 7, 31 p.

Moutinho, Célia (2011) - *O Escarrador e a Saúde Pública*. Caixa Geral de Depósitos. [acedido em 2 de fevereiro de 2021]. Disponível em: <https://www.cgd.pt/Institucional/Patrimonio-Historico-CGD/Estudos/Pages/Escarrador-e-Saude-Publica.aspx>.

Fátima Afonso | Câmara Municipal do Seixal - Ecomuseu Municipal do Seixal

<http://www.cm-seixal.pt/ecomuseu-municipal/ecomuseu-municipal-do-seixal>

Carlos Pereira | Câmara Municipal de Loures - Museu de Cerâmica de Sacavém

<https://www.cm-loures.pt/AreaConteudo.aspx?DisplayId=898> / <https://www.facebook.com/museusdeloures>

Abril de 2021